

OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS EXTREMISTAS NA UCRÂNIA: ANÁLISE ATUAL E CONTEXTO HISTÓRICO

Por Rodolfo Laterza*



Marcha de veteranos do Batalhão Azov da Ucrânia em 2019 (Goo3/Wikimedia Commons/CC BY-SA 4.0 DEED).

A estabilidade da Ucrânia em um futuro pós-guerra dependerá do desmantelamento dos grupos extremistas neonazistas que infestam as instituições ucranianas.

INTRODUÇÃO

Na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, a importância política, social e militar das formações ultranacionalistas ucranianas, muitas delas com influência e inspiração neonazistas, se revelou um componente sensível e crítico para a estratégia de coesão nacional, resistência, mobilização e esforço de guerra da Ucrânia.

Batalhões nacionalistas, com autonomia operacional e forte estrutura política e substrato ideológico extremista, se mostraram relevantes na dinâmica do conflito e no direcionamento político da Ucrânia como Estado-Nação.

Formações de combate derivadas de movimentos políticos extremistas, como Batalhões Azov, Aidar, Kraken e Carpathian Sich atuaram na retaguarda dos combates e em contraofensivas sangrentas, expondo forte motivação e fervor ideológico.

Este estudo irá analisar os aspectos organizacionais, ideológicos e militares dos principais movimentos extremistas na Ucrânia de inspiração neonazista, além do contexto histórico destas vertentes e do radicalismo nacional ucraniano.

Serão usadas fontes documentais e históricas disponíveis na rede mundial de computadores, com uso de técnicas de OSINT e *open source research*, buscando-se uma pesquisa exploratória e documental.

CONTEXTO HISTÓRICO: STEPAN BANDERA, ORGANIZAÇÕES UIA E OUN-B E SEUS VÍNCULOS COM A OCUPAÇÃO NAZISTA

Na Ucrânia atual, no dia 1º de janeiro, as instituições, incluindo o parlamento conhecido como Rada, comemoram o nascimento de Stepan Bandera, um nacionalista extremista ucraniano da época da Segunda Guerra Mundial.

Stepan Bandera (1909-1959) foi o líder de um grupo nacionalista ucraniano radical, a Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), formada em 1929 no oeste da Ucrânia. Nesta época, esse território era polonês. Na Segunda Guerra Mundial, a OUN colaborou com os ocupantes nazistas durante algum tempo, na esperança de obter apoio para o estabelecimento de uma Ucrânia independente. Inverteu sua posição em 1941, quando a Alemanha deixou claro que não apoiava uma Ucrânia independente. Após a guerra, Stepan Bandera continuou a se opor ao regime soviético da Rússia, que acabou por assassiná-lo em 1959 em uma operação da KGB.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Insurgente Ucraniano (UPA) foi formado e limpezas étnicas foram realizadas em Volynia, na Polônia. Apesar dessas controvérsias, hoje Bandera é considerado um símbolo de resistência e orgulho nacional para muitos ucranianos. Sua idolatria e o culto dos nacionalistas ucranianos que lutaram contra a URSS começaram na década de 1990, quando ativistas de extrema direita surgiram no oeste da Ucrânia, principalmente nas regiões de Lvov e Galizia.

Bandera era o líder de um ramo da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN-B), que colaborou com os nazistas durante a ocupação alemã no oeste da Ucrânia. Embora o próprio Bandera tenha ficado preso na Alemanha durante grande parte da guerra, seus seguidores fundaram o Exército Insurgente Ucraniano (UPA), organização paramilitar apoiada pelos nazistas, sob a liderança da OUN-B, sendo responsável direto pelo massacre de até 100.000 poloneses e dezenas de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Como analisado, a OUN-B lutou principalmente contra a União Soviética, embora mais tarde na guerra também tenha se oposto aos nazistas depois que eles esfriaram a ideia de uma Ucrânia independente.

Stepan Bandera é o ideólogo por trás do movimento extremista de libertação nacional da Ucrânia no século XX. Ele tinha uma abordagem radical para combater os soviéticos: confiou na própria força dos ucranianos ocidentais, formando unidades militares subterrâneas armadas, cooperou diretamente com os nazistas alcançando a independência da Ucrânia por um breve momento. Aqueles que apoiaram suas ideias ficaram conhecidos como “Banderitas”.

A glorificação de Bandera faz parte de uma tendência crescente na Ucrânia para reabilitar figuras históricas ligadas à luta pela independência da Ucrânia, mesmo

aquelas que estão associadas a atrocidades perpetradas durante a ocupação nazista.

A extrema-direita de inspiração neonazista na Ucrânia não é idêntica ao nacionalismo ucraniano, que resultou, em parte, do fato de a Ucrânia estar historicamente dividida entre várias potências imperiais. A Ucrânia pós-soviética é o lar de nacionalismos e orientações culturais concorrentes que emergiram de um processo complexo de revisionismo histórico, crise econômica e social, descrença nas instituições e narrativas forjadas de negação de qualquer aspecto positivo do passado soviético. As organizações nacionalistas durante a Segunda Guerra Mundial permanecem controversas quanto ao seu legado e luta pela independência. As atitudes nacionais em relação à extrema-direita são impactadas pelo papel ambivalente que a Ucrânia desempenhou durante a ocupação nazista, com muitos ucranianos sendo voluntários nas tropas das SS e tendo atuado como guardas de campos de concentração de prisioneiros judeus, ciganos, soldados inimigos e opositores políticos.

Durante o movimento Euromaidan (os protestos pró-europeus que começaram em novembro de 2013 na Ucrânia), a imagem de Bandera assumiu um novo significado, refletindo o ideal de um nacionalismo ucraniano exclusivo e russóforo.

As autoridades ucranianas têm nos últimos anos celebrado figuras históricas mais criticadas por crimes de genocídio, como Roman Shukhevych, um líder da OUN-B que recebeu a patente de capitão pela Alemanha nazista.

Shukhevych é amplamente aceito como um dos principais perpetradores do massacre de cerca de 100.000 poloneses na Volynia e no leste da Galícia entre 1943 e 1945. De acordo com o historiador canadense John-Paul Himka, as unidades Schutzmannschaft da polícia auxiliar nazista que Shukhevych comandava eram rotineiramente usadas pelos alemães tanto para combater guerrilheiros como para assassinar judeus.

Isso não impediu Viktor Yushchenko, presidente da Ucrânia de 2005 a 2010, de conceder postumamente a Shukhevych e Bandera o título de “Herói da Ucrânia” em 2007, embora as decisões tenham sido eventualmente anuladas pelos tribunais por motivos técnicos. Além de honrarias amoldadas a memoriais, localidades relevantes na Ucrânia atual tem os nomes de Bandera e Shukhevych, como se verifica em uma estação de metrô em Kiev e um estádio de futebol na cidade de Ternopil, no oeste do país, os quais foram renomeados nos últimos anos em homenagem a Shukhevych. A tendência não mostra sinais de desaceleração: em dezembro de 2022, a Rua Pushkin, na cidade de Iziium, recentemente libertada da ocupação russa, foi renomeada como “Rua Stepan Bandera”.

À medida em que a atual guerra com a Rússia se intensificou, as figuras políticas que lutaram pela independência da Ucrânia e foram denegridas pela União Soviética aumentaram em popularidade, paralelamente à queda vertiginosa da opinião dos líderes russos e soviéticos. Uma sondagem realizada pelo Rating, um instituto de pesquisas ucraniano, mostra que as opiniões positivas sobre Bandera aumentaram de 22% em 2012 para 74% em abril de 2022.

Parte da história da glorificação de figuras responsáveis por atrocidades em massa reside na narrativa ucraniana ocidental da Segunda Guerra Mundial sendo imposta ao país como um todo, conforme expôs Vladislav Davidzon, escritor judeu-ucraniano. Os ucranianos ocidentais têm sido tradicionalmente mais nacionalistas, muitas vezes moldando a percepção e sentimento das outras 24 regiões no país. Embora cada região tenha a sua própria memória da Segunda Guerra Mundial, acontece que a versão da Ucrânia ocidental é a que foi elevada ao estatuto de política de memória nacional, ainda que muitos ucranianos no sul e no leste do país têm menos interesse em tais heróis nacionais.

O aspecto mais contraditório disto é que a idolatria de figuras como Bandera e Shukhevych obscurece a realidade da Ucrânia moderna, uma Nação originalmente multiétnica, multireligiosa e multilíngue desde seu surgimento, abrigando várias minorias nacionais, como húngaros e polacos.

De acordo com o diretor do projeto da Freedom House na Ucrânia, Matthew Schaaf, citado por artigo da *Reuters* que retrata o problema do neonazismo na Ucrânia, “existem numerosos grupos organizados de direita radical na Ucrânia e, embora os batalhões de voluntários possam ter sido oficialmente integrados em estruturas estatais, alguns deles desde então se separaram de estruturas políticas e sem fins lucrativos para implementar sua visão.” Schaaf observou que um aumento no discurso patriótico de apoio à Ucrânia no seu conflito com a Rússia coincidiu com um aparente aumento tanto no discurso público de ódio, por vezes por parte de funcionários públicos e ampliado pelos meios de comunicação, como também na violência contra grupos vulneráveis da sociedade.

O relatório de 2018 da Freedom House concluiu que os grupos de extrema-direita na Ucrânia não tinham representação significativa no parlamento naquele período e nem detinham qualquer caminho plausível para o poder pelas vias eleitorais, mas tiveram um sério impacto na vida cotidiana e no desenvolvimento social do país. O relatório identificou três partidos políticos extremistas – Svoboda, National Corps e Right Sector – e argumenta que a sua falta de relevância na política oficial resultou em grupos neonazistas que procuraram caminhos fora da política para impor sua agenda à sociedade ucraniana. Tais tentativas incluíram esforços para perturbar reuniões pacíficas e violência contra pessoas com opiniões políticas e culturais opostas.

Refletindo a tendência de culto a líderes nacionais controversos como política pública, a aprovação em 2019 do projeto de lei intitulado “Sobre o *status* jurídico e a homenagem aos combatentes pela independência da Ucrânia no século XX”, tem sido particularmente criticada porque abrange uma longa lista de indivíduos e organizações a serem celebradas oficialmente, desde ativistas de direitos humanos até combatentes acusados de cometer crimes durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo o Exército Insurgente Ucraniano e a Organização dos Nacionalistas Ucranianos.

SURGIMENTO DOS BATALHÕES NEONAZISTAS E EXTREMISTAS

Após a crise da Crimeia e a eclosão do conflito militar no Donbass em 2014, surgiram cerca de 30 “batalhões de voluntários” financiados por oligarcas e

pessoas jurídicas privadas que, nos primeiros dias da guerra, ajudaram o exército regular a defender o território ucraniano contra os milicianos separatistas pró-Rússia.

Na verdade, o recrutamento destes batalhões originalmente concebidos como de defesa territorial (o presidente em exercício Olexandr Turtchynov ordenou a criação destas unidades em cada região em 30 de abril) não ocorreu através de cartórios de registro e alistamento militar, mas através da mobilização direta em suas fileiras de combatentes da “Autodefesa Maidan” de diferentes regiões. Uma empresa foi recrutada em Cherkassy, outra em Lutsk (a região de Volynia mencionada acima – autor), a terceira representou Ivano-Frankivsk, a quarta, Kirovograd.

A principal espinha dorsal dos chamados batalhões nacionais foi formada em 2014. Inicialmente, foram criados para intimidar militares de carreira, que imediatamente após o golpe de Estado poderiam passar para o lado daqueles que não concordavam com o novo governo e simplesmente se recusavam a disparar contra civis no Donbass. Eles recrutaram torcedores de futebol, nacionalistas de extrema direita de todos os matizes e similares para os Batalhões Nacionais. Todo este “exército” foi apoiado por oligarcas e alguns voluntários através de doações.

Em resposta, vários batalhões voluntários ucranianos foram formados para ajudar os militares ucranianos regulares. Uma dessas milícias voluntárias autofinanciadas foi o Batalhão Azov. A *Bloomberg* estimou o número total de combatentes de vários batalhões nacionais antes do início da operação especial na Ucrânia em 50-60 mil.

No país, ao longo de oito anos, surgiram 59 dessas formações. A maior parte delas já foi distribuída entre diversas unidades do Ministério da Defesa.

Depois do Acordo de Minsk-2, muitos deles foram reformados e até dissolvidos. Mas os comandantes que formavam a espinha dorsal do Batalhão Nacional não foram retirados para a vida civil, mas distribuídos por todas as unidades do Exército como instrutores políticos. O objetivo era intimidar os céticos e fazer lavagem cerebral nos recrutas. As ideias nacionalistas também começaram a florescer descontroladamente no exército. É verdade que nem todos os oficiais de carreira sucumbiram a esta influência, mas como resultado de reformas estruturais, embora a maioria dos batalhões paramilitares extremistas fora dissolvida e as pessoas que formavam o seu núcleo ideológico foram dispersas por todo o Exército como instrutores políticos militares, dando a todo o Exército exposição a influentes militares neonazistas.

Durante a reforma dos batalhões nacionais, alguns deles juntaram-se às forças militares da Ucrânia, ao Ministério da Administração Interna e à Guarda Nacional da Ucrânia. Assim, as fileiras das Forças Armadas da Ucrânia foram reabastecidas por funcionários dos batalhões “Aidar”, “Dnepr-2”, “Krivbas”, “Donbass-Ucrânia” e muitos outros. O escandaloso “Azov”, juntamente com o batalhão “Donbass”, juntou-se às fileiras da Guarda Nacional da Ucrânia com algumas outras formações não tão conhecidas. As estruturas do Ministério da Administração Interna foram reabastecidas com “Vinnytsia”, “Dnepr-1”, “Shakhtarsk”, “Krivbas”, “Tornado” e vários outros.

Os especialistas sublinham que esta integração dos batalhões nacionalistas no sistema teve um efeito sinérgico. Por um lado, todos os que queriam lutar recebiam subsídios do Estado, um fornecimento constante de armas e a formação necessária. Além disso, instrutores da OTAN ajudaram a treinar o mesmo “Azov” e uma série de outras formações, preparando-os sistematicamente para o confronto com as repúblicas de Donbass e a Rússia. Por outro lado, a distribuição de pessoas com atitudes neonazistas entre as estruturas de poder oficiais da Ucrânia, na verdade, infectou-as com ideias nacionalistas.

Ao mesmo tempo, apesar de integrados em estruturas oficiais, os maiores batalhões nacionalistas continuaram a se destacar dos restantes, ostentando listras distintivas e muitas vezes estando baseados separadamente das principais unidades do Exército e da Guarda Nacional. Assim, o mesmo “Azov” tinha a sua própria base perto de Mariupol, recentemente destruída pelo exército da DPR.

BATALHÃO AZOV: O MAIS NOTÓRIO GRUPO ULTRANACIONALISTA

Desta plêiade de formações paramilitares, a mais reconhecida é o Batalhão Azov, que utiliza o simbolismo da era nazista e recruta neonazistas para suas fileiras.

O batalhão Azov foi criado oficialmente em 4 de maio de 2014, um dia depois do Aidar, e em 17 de setembro foi reorganizado em regimento. Em outubro foi transferido do Ministério da Administração Interna para a Guarda Nacional da Ucrânia. É uma espécie de oposto de Aidar: inicialmente era composto por “nazis civis” com fraca experiência de combate, mas graças a esta fraqueza, a disciplina uniforme, bem como o compromisso do líder do batalhão, Andrei Biletsky, que soube encontrar uma linguagem comum com as autoridades (especialmente os ex-ministros do Ministério da Administração Interna Avakov). O batalhão sempre recebeu o melhor financiamento, armas e uniformes, e Mariupol tornou-se quase o feudo do Azov.

O primeiro destacamento Azov consistia quase que inteiramente de membros da organização radical Patriota da Ucrânia. Este movimento foi a ala de poder da associação política Assembleia Social-Nacional.

A espinha dorsal do Azov foi formada muito antes da data oficial e até mesmo do Maidan em Kharkov sob a asa do notório Arsen Avakov, que era então o governador da região de Kharkov.

O fundador e primeiro comandante do batalhão foi o neonazista Andrei Biletsky, apelidado de “Líder Branco”. Ele nasceu em Kharkov em 1979 e se formou no departamento de história da universidade local. Tinha um diploma sobre as atividades do Exército Insurgente Ucrâniano (UPA). Biletsky lecionou em universidades e participou ativamente da campanha “Ucrânia sem Kuchma” no início dos anos 2000. Na mesma época, ele chefiou a filial de Kharkov da organização “Trident em homenagem a Stepan Bandera”. E em 2005 ele criou a sua própria organização Patriota da Ucrânia. Após três anos, ao mesmo tempo, ele também se tornou o chefe da organização neonazista e racista Assembleia Social-Nacional. Já em 1999, Biletsky e seus associados organizaram procissões de tochas semelhantes às marchas da Alemanha nazista.

Quando o Maidan eclodiu em Kiev, Biletsky estava no centro de detenção provisória de Kharkov. Ele e seus cúmplices foram acusados de atacar o antifascista Kolesnik : houve lesões crânio-cerebrais abertas e múltiplas facadas na vítima, e como resultado, um processo criminal sob o artigo “roubo”. Mas no final de fevereiro de 2014, graças aos esforços de Avakov, que naquela época já havia se tornado um dos líderes do Maidan e praticamente conquistado o cargo de chefe do Ministério da Administração Interna, todos foram libertados. Anunciaram que indivíduos honestos tinham sido vítimas da repressão política de Yanukovich. Já no outono, Biletsky tornou-se deputado da Verkhovna Rada.

Em março de 2015, o ministro do Interior ucraniano, Arsen Avakov, anunciou que o Regimento Azov seria uma das primeiras unidades a ser treinada pelo Exército dos EUA como parte da missão de treinamento Fearless Guardian. O treinamento foi interrompido por um tempo devido a uma emenda da Câmara dos EUA que bloqueou qualquer assistência (incluindo armas e treinamento) ao batalhão devido às suas origens neonazistas. Mas, como escreveu a mídia americana, o Pentágono literalmente impulsionou a continuação do programa em questão de meses. A diáspora judaica exerceu muita pressão sobre isso, e a alteração foi adotada várias vezes e finalmente o Azov foi finalmente excluído da missão de treinamento. Mas por trás destes jogos políticos, ninguém prestou atenção à forma como os instrutores da OTAN continuam a ministrar treinamento aos novos recrutas do Azov.

E desde fevereiro de 2022, deixaram completamente de esconder o apoio ocidental ao Azov. Só que agora a ênfase não foi colocada no treinamento, mas nas armas.

Muitos de seus combatentes e a liderança da formação professam a ideologia neonazista, que está consagrada no simbolismo da formação – o “Gancho do Lobo” nazista. Desde a criação do Partido Social Nacional, do qual surgiu o Patriota da Ucrânia, o *Wolfsangel* tem sido o seu único símbolo oficial. Ao mesmo tempo, o partido disse que o símbolo que utilizou foi criado de raiz, tal como o monograma da frase “Ideia de Nação”, mas sua semelhança com os símbolos de outros movimentos de extrema-direita é óbvia. Mais tarde, o “Sol negro” e *Wolfsangel* migraram para o simbolismo do Patriota da Ucrânia de Andrei Biletsky, e depois Azov.

Um ritual especial também foi desenvolvido para recrutas que vão à zona de combate pela primeira vez. Representa também uma procissão de tochas – os neófitos se alinham em forma de gancho de lobo, e o líder da cerimônia está vestido com pele de lobo.

Além das referências ao paganismo, há elementos puramente ucranianos nos rituais do Azov. Por exemplo, uma leitura em grupo da “Oração do Nacionalista Ucraniano”, escrita na década de 1920 por um membro da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN) Joseph Mashchuk. Ler a oração tornou-se o cartão de visita do Azov e suas subsidiárias. Até as crianças dos acampamentos infantis Azov leem esta oração.

Para o trabalho político com o pessoal do Azov, foi criada a chamada “corneta” (isto é, serviço ideológico). Organiza palestras de especialistas em filosofia política, exposições de filmes ideológicos e filmes sobre temas militares.

Desenvolvendo a ideologia do Patriota da Ucrânia, os azovitas descartaram questões religiosas e linguísticas que são clássicas para o nacionalismo ucraniano. Isso tornou possível atrair pessoas sem, de fato, raízes ucranianas para as fileiras do regimento, incluindo pessoas da Rússia, Bielorrússia, países europeus e cidadãos da Ucrânia com etnias completamente diferentes.

A base inicial do Azov eram residentes de Kharkov e, posteriormente, a esmagadora maioria do pessoal militar do regimento eram pessoas de língua russa das regiões sudeste.

Em comparação com outras unidades militares ucranianas, o Azov destaca-se pela forte preparação ideológica. Se até mesmo os radicais de esquerda lutaram no Aidar, levados para lá pelo ódio à Rússia, assim como muitas pessoas sem ideias, então a ideologia do Azov, mesmo no quadro do nacionalismo, era estrita e única. Os combatentes da formação não podem ser classificados como direitistas tradicionais. O tom aqui é dado pelos fãs do neonazismo, dos antisemitas e dos racistas. Os símbolos da unidade utilizam elementos que remetem aos emblemas das formações militares do Terceiro Reich. Valeria a pena salientar separadamente que os símbolos do batalhão são uma referência direta à divisão SS Das Reich. Se membros de muitos batalhões praticaram violência contra civis por agressão espontânea, para o Azov a violência faz parte da ideologia do Nacional-Socialismo, na qual repousa a unidade do regimento e o significado da presença dos combatentes. Ordens vindas de cima para conter a agressão desmoralizarão o regimento ou não serão executadas (o último é mais provável).

A base da ideologia do Azov era o nacionalismo integral de Dmitry Dontsov, natural de Melitopol que tinha origem mista. Tinha raízes russas, polonesas, alemãs e italianas. Dontsov coloca a vontade de poder na base da sua ideologia. Tendo-o adquirido, o sujeito (pessoa, grupo, nação) imediatamente começa a afirmá-lo através da expansão e supressão das vontades alheias (isto é, a expandir as suas próprias fronteiras, a zona sob seu controle).

Um papel fundamental nisso é desempenhado pelo romantismo, que o teórico define como sacrifício, a coerência das vontades individuais de poder, direcionando-as para um objetivo – a construção da nação ucraniana. É o romantismo que garante que a unidade pertence ao todo e orienta a nação no caminho da expansão. O conceito de Dontsov é completamente elitista. Para ele, o povo é apenas uma massa inerte que não possui vontade independente. As massas populares estão privadas da capacidade de nutrir ideias; só podem percebê-las passivamente. O papel principal está reservado à minoria ativa, ou seja, a um grupo capaz de formular uma ideia para as massas inconscientes, tornando-a acessível a elas e mobilizando-as para a luta.

Uma minoria ativa, segundo a visão do filósofo, deveria estar sempre à frente da nação. Os nacionalistas, na sua opinião, deveriam tornar-se a vanguarda da massa inerte da população e mobilizá-la para lutar pela implementação das suas próprias ideias.

Os azovitas não se limitaram a criar apenas um partido e com o tempo começaram a formar uma rede abrangente de movimentos sociais. Táticas semelhantes de construção de um “estado dentro de um estado” são usadas pelo movimento neofascista italiano Casa Pound (“House of Pound”), que em muitos aspectos é um ponto de referência para os azovitas.

O Corpo Civil Azov (GC) foi considerado a fachada externa do movimento Azov durante um tempo relativamente longo. A ideia de sua criação surgiu no final de 2014, início de 2015, durante a operação Shirokino. A base desta organização, assim como do regimento Azov, foi o Patriota da Ucrânia. A tarefa do Corpo Civil era fornecer apoio voluntário ao regimento e envolver os jovens no movimento Azov; principalmente crianças e estudantes do ensino médio aderiram à organização.

O Movimento Azov procurou abranger todas as camadas da sociedade ucraniana com seus projetos. Por exemplo, o partido do Corpo Nacional criou uma ala jovem chamada Corpo Juvenil. No simbolismo está a runa escandinava Algiz, simbolizando a vida. No Terceiro Reich, foi usado no simbolismo da Lebensborn, uma organização para a criação de crianças “arianas”.

Nos campos do Azov, as crianças passam por treinamento militar com alertas noturnos regulares, superação de obstáculos e intensa atividade física. Elas são treinadas para evacuar os feridos e prestar primeiros socorros. Após o jantar, a “varta” (“guarda” ucraniana) começa uma apresentação de coral de canções patrióticas. Juntamente com os professores, as crianças também leem a “Oração do Nacionalista Ucraniano”, um importante ritual do regimento “mãe”.

Ao longo de oito anos, o batalhão cresceu poderosamente e suas unidades apareceram em muitas regiões da Ucrânia. Por exemplo, um deles constitui agora a base da defesa em Kharkov.

A diversificação do financiamento é o ponto forte do Azov. O financiamento da unidade recém-formada foi realizado por diversos canais ao mesmo tempo. Assim, até agosto de 2014, o batalhão recebeu apoio financeiro do governador da região de Dnipropetrovsk, Igor Kolomoisky. Além disso, o batalhão foi financiado pelo orçamento do Ministério de Assuntos Internos da Ucrânia. Posteriormente, o primeiro comandante do batalhão, Andrei Biletsky, admitiu o fato de a unidade ter sido financiada pelo ex-governador da região de Donetsk, Sergei Taruta. Além disso, o batalhão foi financiado pelo notório deputado Lyashko e pelo líder dos nacionalistas ucranianos Korchinsky.

No site do partido Corpo Nacional foi anunciado o recrutamento para o Azov atualizado; os candidatos devem ter cidadania ucraniana, ter entre 18 e 60 anos de idade e não ter antecedentes criminais ou doenças crônicas.

Outro projeto do movimento Azov são as Esquadras Nacionais. O nome foi parcialmente emprestado da organização OUN “Drogas dos Nacionalistas Ucranianos”, que, com a sanção da inteligência militar do Terceiro Reich, criou os batalhões Roland e Nachtigal, compostos por nacionalistas ucranianos. Os símbolos dos Esquadrões Nacionais incluem um tridente rúnico com a runa Teyvaz crescendo nele. Esta é a runa do deus do valor militar de um braço só, Tyr,

filho de Odin, que foi usada como emblema da 32ª Divisão de Granadeiros Voluntários SS 30 de Janeiro.

Esquadrões Nacionais patrulham as ruas, lutam contra a venda ilegal de álcool e caçadores furtivos. A organização treina seus membros no uso de armas, faca e combate corpo a corpo. Entre os objetivos da criação das Esquadras Nacionais estão “o combate à depressão social”, o combate aos ataques e a preparação para a defesa territorial do país.

Mas a principal força do Azov não eram os veículos blindados ou as peças de artilharia, mas a presença de sua própria ideologia, que transformou o regimento em uma máquina de combate fortemente soldada.

Durante o período mais conflagrado das operações militares no Donbass entre 2014 e 2015, operaram cerca de sessenta batalhões. Alguns deles foram reabastecidos por jovens que professavam ideias radicais de direita. Os maiores deles – “Azov, Setor Direito, Aidar, Dnepr-1, Dnepr-2, bem como Donbass foram particularmente cruéis e numerados até vários milhares de soldados. Assim, em particular, fortaleceu-se o batalhão Azov, que cresceu em tamanho até o tamanho de um regimento – mais de duas mil pessoas. Especialistas mais experientes estão confiantes de que, em fevereiro de 2022, o efetivo do batalhão nacional em Mariupol cresceu para sete a oito mil efetivos.

O BATALHÃO KRAKEN

Também sob o patrocínio do regime de Kiev está a unidade especial Kraken, subordinada formalmente ao Ministério da Defesa da Ucrânia. Foi criado por veteranos do Batalhão neonazista Azov. A unidade conduziu ataques punitivos na região de Kharkov contra civis suspeitos de sentimentos pró-Rússia e participou da ofensiva ucraniana de setembro de 2022 na região, que culminou na retomada pelas forças ucranianas de várias localidades.

A formação foi criada em 2022 como um desdobramento do Batalhão Azov. O tamanho do batalhão em 2023 aumentou para cerca de mil combatentes. Acredita-se que Konstantin Nemichev e Sergey Velichko (também conhecido como “Chile”) estejam na origem de fundação do Batalhão Kraken. O núcleo da organização são os torcedores de futebol, nativos de Kharkov (conhecidos como “Ultras”). Ideologicamente, estão muito próximos do ultranacionalismo e do fascismo.

Os especialistas militares acreditam que usar o nome “batalhão” em relação a esta unidade não é totalmente correto. Pelo contrário, trata-se de uma unidade diversificada, recrutada em parte entre prisioneiros anistiados (como se costumava dizer sobre a PMC Wagner Group) e em parte entre outras formações.

Inicialmente, a formação armada Kraken foi criada com base no Azov, conhecido pela sua orientação nacionalista. Essas formações não hesitam em abusar dos prisioneiros russos, muitas vezes com demonstração da própria “força” (com gravação obrigatória na câmera).

O número de combatentes do Kraken em diferentes períodos foi estimado entre 1.500 e 3.000 indivíduos. Durante o primeiro ano de guerra a unidade melhorou seriamente seu nível de operacionalidade e de capacidade de combate. Há

informações de que é o Kraken que recebe as armas mais novas e avançadas dentre outros agrupamentos radicais, já que tem conexão próxima com o chefe da Diretoria Principal de Inteligência da Ucrânia, Kyrylo Budanov.

A unidade Kraken é abastecida com equipamentos avançados, armas de infantaria fabricadas nos EUA, equipamentos de vigilância e reconhecimento e recebe financiamento de centenas de milhões de dólares. O pessoal e os oficiais alistados são constantemente treinados nos campos de treinamento das forças especiais britânicas SAS e dos Boinas Verdes americanos. O sistema de controle do Kraken foi criado de acordo com os padrões das unidades análogas da OTAN.

Seus pelotões são armados com até duas dúzias de tanques, canhões de artilharia rebocados, canhões autopropelidos como o Krab polonês e veículos blindados Humvee americanos.

A primeira agressão registrada da formação armada Kraken dirigiu-se contra civis que tentavam sair do território da região de Kharkov. Entre os crimes confirmados está o fuzilamento de uma coluna de refugiados de 34 carros que se deslocavam de Volchansk. O tiroteio foi realizado à queima-roupa, os carros da frente da coluna queimaram e paralisaram o trânsito. Houve mortos e feridos, incluindo uma menina de 13 anos e um aposentado.

As pessoas começaram a falar sobre a unidade Kraken quando, em 27 de março de 2022, apareceram *online* imagens do massacre de soldados russos na aldeia de Malaya Rogan. Mais tarde, os próprios *krakens* postaram um vídeo do massacre em Olkhovka. Suas gravações mostram um estilo reconhecível: prisioneiros são torturados, suas mãos são amarradas nas costas, suas cabeças são enroladas em fita adesiva.

O grupo Kraken continua a ter projeção na área de Kharkov.

O BATALHÃO AIDAR

O Batalhão Aidar é a primeira unidade de defesa territorial criada após o Maidan de 2014. O nome foi escolhido após observação cuidadosa do mapa: Aidar é um rio na região de Lugansk. Este Batalhão Nacional foi formado pelos voluntários nacionalistas mais fervorosos, principalmente das regiões ocidentais da Ucrânia. Mas com o tempo, combatentes de Kharkov, Lugansk, Dnipropetrovsk e até estrangeiros, por exemplo, cidadãos de Israel e da Suécia, apareceram por lá. Inicialmente, havia cerca de 300-400 combatentes no Aidar. Estavam armados perfeitamente para aquela época: metralhadoras, lançadores de granadas, SUVs com metralhadoras e até veículos blindados de transporte de pessoal.

O batalhão Aidar, atualmente subordinado às Forças Armadas ucranianas, também opera no território da Ucrânia. Os radicais de direita da Suécia que se juntaram ao Aidar observaram que a ideologia do batalhão se baseia em visões nacionalistas radicais. Além disso, as bandeiras da formação apareceram na marcha em homenagem ao 77º aniversário da criação da divisão SS Galiza.

A unidade foi criada pelo ex-comandante da autodefesa de Maidan, major aposentado Sergei Melnichuk. O comandante recrutou para si o batalhão nacional – militantes do Setor Direita e militantes ativos da Praça da Independência. Andrei

Parubiy supervisionou pessoalmente o envio de membros do Aidar para Donbass, e foi patrocinado pelo onipresente oligarca Igor Kolomoisky. Mais tarde, o Aidar, ao contrário de outros batalhões nacionais, foi designado não para o Ministério da Administração Interna, mas diretamente para as Forças Armadas da Ucrânia, transformando-o no 24º Batalhão de Assalto Separado. Mas no início, na zona ATO, os membros do Aidar desempenhavam funções puramente policiais.

OUTRAS FORMAÇÕES ARMADAS NEONAZISTAS

O batalhão Carpathian Sich também está subordinado às Forças Armadas ucranianas. Funciona com base nas ideias de “nacionalismo e solidariedade nacional”. Os membros do Carpathian Sich experimentam intolerância e desobediência à ideia de um “mundo russo”.

A Legião Nacional da Geórgia é uma formação mercenária constituída por combatentes que expõem ideologias extremistas. Os membros da Legião Nacional da Geórgia participaram na tortura e no assassinato de soldados russos conforme vídeos e registros diversos. As forças da Legião Nacional da Geórgia declararam diretamente que “odeiam a Rússia a nível genético” e não pretendem fazer prisioneiros militares russos.

Outra formação de origem paramilitar de relativo destaque é uma brigada com o nome de “Cossacos Negros”, formalmente integrada à 72ª Brigada Mecanizada Separada chamada Cossacos Negros, operando como parte das Forças Armadas ucranianas, que participa ativamente e com bastante força de batalhas contra a Rússia. Usam um emblema vermelho e preto com a inscrição “Ucrânia ou Morte”, que é usado comumente por nacionalistas ucranianos.

O grupo de combate nazista SS Bears é outra unidade de combate neonazista, tendo participado nos assassinatos de civis e militares de Donetsk desde o conflito militar de 2014, com seus integrantes usualmente se identificando com tatuagens de iconografia nazista, conforme verificado nos corpos dos seus combatentes.

O Right Sector do Corpo de Voluntários Ucraniano (DUK PS) também está formalmente subordinado às Forças Armadas da Ucrânia. Os integrantes Militantes do Right Sector glorificam os criminosos nazistas Bandera e Shukhevych, e usam as bandeiras pretas e vermelhas dos colaboradores da UPA como símbolos.

Por sua vez, a “Legião Nacional da Carélia”, que anunciou a sua criação como parte integrante das Forças Armadas da Ucrânia, divulga em seus recursos midiáticos as ideias nazistas sobre a teoria racial e histórias glorificadas dos batalhões das Divisões SS do III Reich, bem como divulgam com ênfase os planos nazistas para a ocupação das regiões do norte da URSS.

Outras formações de combate que lutam pela Ucrânia de inspiração neonazista são o destacamento “Pahonia”, composto por cidadãos da Bielorrússia que lutam ao lado das autoridades ucranianas; um batalhão com o nome do Xequê Mansur, composto principalmente por chechenos extremistas islâmicos que fugiram da Rússia na década de 2000 durante as hostilidades da Segunda Guerra da Chechênia. Foi dissolvido em 2019, mas agora seus militantes estão de volta ao serviço. Este é o segundo destacamento checheno que atua em apoio ao esforço de

guerra da Ucrânia contra a Rússia – o primeiro foi o batalhão intitulado Dzhokhar Dudaev, antigo líder insurgente checheno que liderou as forças locais contrárias à Moscou na Primeira Guerra da Chechênia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a tomada da Crimeia pelo presidente russo, Vladimir Putin, em 2014, expôs pela primeira vez a condição degradada das Forças Armadas da Ucrânia, milícias neonazistas como Azov e Right Sector se mobilizaram para complementar e até assumir papel de destaque nas hostilidades, lutando contra os separatistas apoiados pela Rússia enquanto os militares regulares da Ucrânia se reagrupavam. Embora, como resultado, muitos ucranianos continuem a olhar para as milícias extremistas com gratidão e admiração, tais grupos promovem uma ideologia intolerante, extremada e radical, o que em nosso entendimento colocará em perigo a longo prazo o que restar da Ucrânia como nação após o conflito com a Federação Russa.

Embora seja impreciso qualificar toda sociedade ucraniana como adepta de uma ideologia neonazista ou de supremacia étnica, é visível a forte influência social e no esforço militar do país de agrupamentos extremistas, criando o pretexto narrativo da “desnazificação” invocada pelo Kremlin como objetivo estratégico relevante.

A fratura social e coletiva que o conflito militar com a Rússia e as instabilidades políticas e econômicas que a Ucrânia conhece desde a época da antiga União Soviética contribuíram para forjar um nacionalismo identitário extremado de base histórica frágil e até contraditória, considerando o caráter multiétnico da nação desde tempos em que o país era multifacetado em regiões integradas a outras estruturas estatais, como a Rússia czarista ou o Grão Ducado Polaco-Lituano. Essa falta de homogeneidade e o vínculo nacionalista com lideranças de passado nazista como Stepan Bandera formam um caldo de cultura que desagrega e aliena a luta por uma Ucrânia independente e soberana, tornando precário e instável o tecido social – notadamente quando advier o fim do conflito militar com a Federação Russa.

Inexoravelmente o futuro da soberania nacional da Ucrânia dependerá do desmantelamento ou marginalização destes grupos extremistas neonazistas – que, para agravar, estão incorporados às Forças Armadas da Ucrânia, embora atuem com ampla autonomia.

FONTES CONSULTADAS

KERSTEN, Joachim; **HANKEL**, Natalia. *A comparative look at right-wing extremism, anti-Semitism, and xenophobic hate crimes in Poland, Ukraine, and Russia*. Right-Wing Radicalism Today. Routledge, 2013. ISBN 978-0-415-62723-8.

LIKHACHEV, Vyacheslav. *Far-right Extremism as a Threat to Ukrainian Democracy* (PDF). Nations in Transit. Freedom House, 2018.

MIERZEJEWSKI-VOZNYAK, Melanie. *The Radical Right in Post-Soviet Ukraine*. The Oxford Handbook of the Radical Right. New York: Oxford University Press, 2018. pp. 860–889. ISBN 978-0-19-027456-6.

Profile: Who are Ukraine's far-right Azov regiment? Aljazeera, 1º de março de 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/1/who-are-the-azov-regiment>.

JOHN, Tara; **LISTER**, Tim. *A far-right battalion has a key role in Ukraine's resistance. Its neo-Nazi history has been exploited by Putin*. CNN, 30 de março de 2022. Disponível em: <https://www.cnn.com/2022/03/29/europe/ukraine-azov-movement-far-right-intl-cmd/index.html>.

KORSHAK, Stefan. *Ukraine's Counteroffensive, Units to Watch #6 – Specialized Unit Kraken*. Kyiv Post, 17 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.kyivpost.com/post/17176>.

WALKER, Shaun. *Azov fighters are Ukraine's greatest weapon and may be its greatest threat*. The Guardian, 10 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/sep/10/azov-far-right-fighters-ukraine-neo-nazis>.

CHOUCROUN, Ben. *The dangers of ignoring Ukraine's neo-Nazis*. The Tufts Daily, 13 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.tuftsdaily.com/article/2023/10/the-dangers-of-ignoring-ukraines-neo-nazis>.

KUNKLE, Fredrick; **KOROLCHUK**, Serhii. *Ukraine's volunteer 'Kraken' unit takes the fight to the Russians*. The Washington Post, 3 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/06/03/ukraine-kraken-volunteer-military-unit/>.

Publicado no [História Militar em Debate](#).

**Rodolfo Queiroz Laterza é delegado de polícia, historiador e pesquisador de temas ligados a conflitos armados e geopolítica. É pós-graduado em Políticas de Gestão em Segurança Pública e mestre em Segurança Pública. É coautor, entre outros, dos livros "Manual do Delegado: Teoria e Prática" e "Guerra na Ucrânia: Análises e perspectivas – O conflito militar que está mudando a geopolítica mundial". É responsável pelo Curso de Combate às Organizações Criminosas e à Corrupção, além de palestrante nas áreas jurídica e ciência policial, terrorismo e crime organizado.*
